

Apenas por serem negras, famílias têm mais chances de estar em insegurança alimentar e mais suscetíveis à fome

Com base nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2004, 2009, 2013 e 2023 e na Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017/2018, os pesquisadores Rafael Pontuschka e Josimar Gonçalves de Jesus utilizaram o método de regressão logística, permitindo avaliar as desigualdades raciais dentro do contexto da insegurança alimentar e fome.

Os pesquisadores constataram que **famílias negras são 29% mais propensas à insegurança alimentar e 37% mais suscetíveis à fome**. Essa disparidade se mantém com larga distância em todas as medições realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a Escala Brasileira de Segurança Alimentar (EBIA), revelando a urgência de políticas públicas que combatam o racismo e a fome de forma integrada.

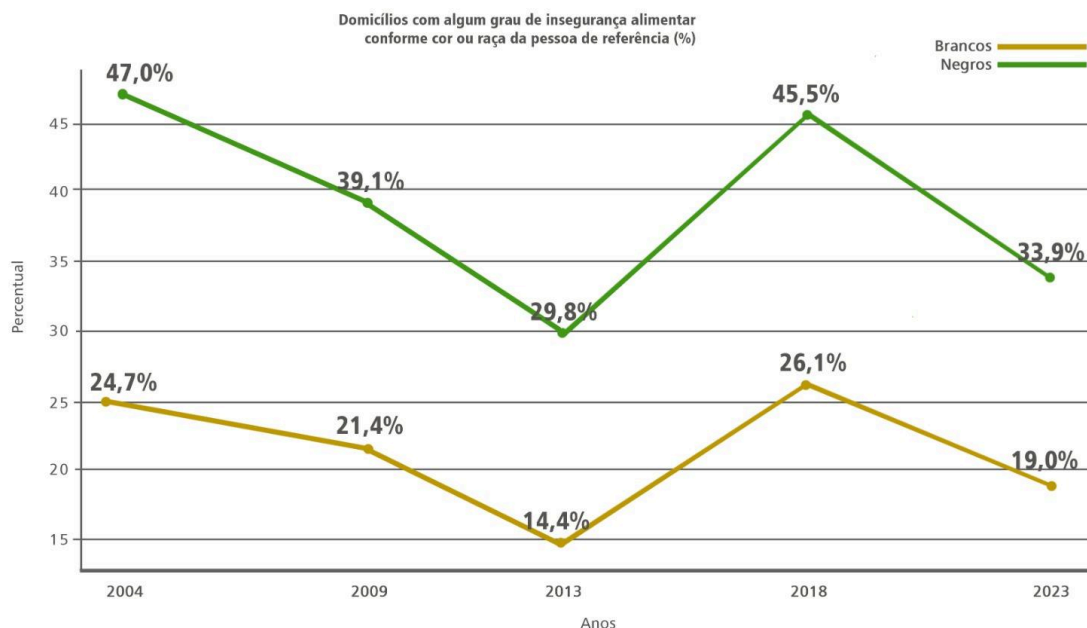
A casa de uma família negra tem mais chance de estar em insegurança alimentar quando comparada a outras onde as demais características são iguais.

O estudo utiliza o conceito de razões de chance, que considera a variação de apenas uma característica: a única diferença considerada foi a cor/raça da pessoa chefe do domicílio. Enquanto todas as outras variáveis analisadas são iguais: sexo, renda domiciliar per capita, escolaridade, idade, ocupação, setor de atividade, número de pessoas na residência, presença de crianças e região do país.

O resultado mostra que em todos os anos analisados, os domicílios cuja pessoa de referência era negra tinha maior probabilidade de vivenciar a insegurança alimentar. Enquanto em 2004, essa chance era 45% maior em relação a casas de pessoas brancas; em 2023, a chance de uma casa chefiada por uma pessoa negra estar em algum nível de insegurança alimentar cai para 29%.

Em quase 20 anos, essa chance diminui em 28%. Ao mesmo tempo, em que esse recuo sugere a eficácia das políticas públicas construídas com intencionalidade, também demonstra suas limitações, pois as disparidades se mantêm amplas em toda a série, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Insegurança alimentar em qualquer nível por domicílio (%)



Fonte: Pacto Contra a Fome com base nos microdados do IBGE / Pesquisadores: Rafael Pontuschka e Josimar Gonçalves de Jesus

A população negra sempre esteve em desvantagem na garantia de segurança alimentar. E o estudo mostra que essa relação é desigual e persistente, mesmo no melhor cenário, em 2013, ano em que o Brasil saiu do mapa da fome. Ainda assim, um em cada três domicílios de pessoas negras (29,8%) conviviam com a preocupação de que a comida poderia faltar devido à falta de dinheiro para comprar uma cesta mínima de alimentos. Em contrapartida, nos domicílios de pessoas brancas essa preocupação existia em uma a cada sete casas (14,4%).

Para exemplificar essa diferença entre lares negros e brancos na série, a tabela abaixo apresenta como seria essa probabilidade a cada 1000 casas:

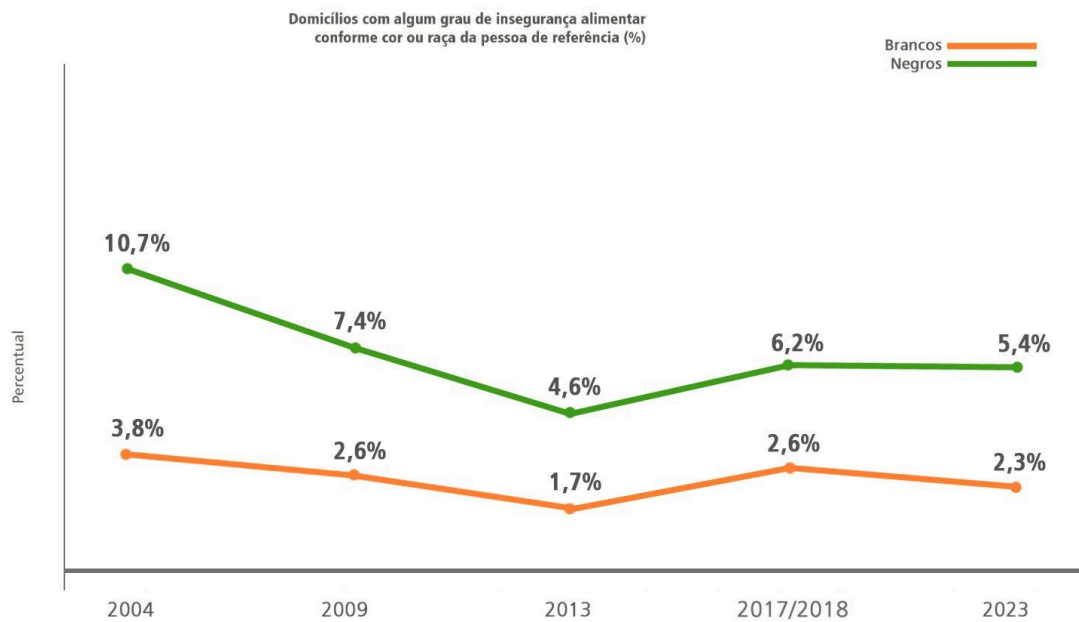
INSAN	2004	2023
Negros	886 para cada 1000	514 para cada 1000
Branco	367 para cada 1000	140 para cada 1000

Em 2004, apenas por ser negra, uma família tinha 53% mais chance de fome

A insegurança alimentar grave, que é o indicador da fome, é vivenciada quando há uma ruptura nos padrões de alimentação, resultando na falta de comida para todos os moradores, incluindo crianças.

Controlando o efeito de todas as características, em 2004, a chance de um domicílio chefiado por uma pessoa negra vivenciar a situação de fome era 53% maior. Ou seja, 3,06 maior nos lares negros em relação aos brancos.

Gráfico 2 - Insegurança alimentar grave por domicílio (%)



Fonte: Pacto Contra a Fome com base nos microdados do IBGE / Pesquisadores: Rafael Pontuschka e Josimar Gonçalves de Jesus

Quase duas décadas depois, a chance foi 37% maior quando a pessoa de referência era negra, evidenciando que a cor ou raça continua sendo um fator que distancia esse grupo do acesso à alimentação adequada.

Essa relação é exemplificada pelo quadro abaixo, considerando cada mil casas que vivenciaram a fome:

IA grave	2004	2023
Negros	120 para 1000	57 para 1000
Branco	39 para 1000	23 para 1000

No período analisado, **a probabilidade dos domicílios chefiados por pessoas negras estarem suscetíveis à fome diminuiu 47%**. Em parte, a melhor adequação de políticas públicas voltadas para a equidade racial, como a Lei de Cotas e a Política Nacional de Saúde para a População Negra, podem ter contribuído para essa redução das chances ao longo do tempo, a medida em que o aumento da escolaridade se reflete na renda - ainda extremamente desigual - e os indicadores de saúde mostram melhora em doenças relacionadas com a alimentação.

Lista de políticas

2018 4384/2018 Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Povo Cigano/Romani	2009 992/2009 Política Nacional de Saúde Integral da População Negra	2007 6040/2007 Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
2007 6261/2007 Programa Brasil Quilombola	2005 11096/2005 Programa Universidade para Todos (PROUNI)	2005 1391/2005 Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme e outras Hemoglobinopatias
2003 4886/2003 Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR)	2002 10558/2002 Programa Diversidade na Universidade	2002 4228/2002 Programa Nacional de Ações Afirmativas

Fonte: [IPEA](#)

Também não se pode desconsiderar o efeito das políticas de combate à pobreza, já que a maioria das pessoas que estão na pobreza são negras. Em 2022, esse patamar chegava a 40,0%, duas vezes superior à taxa da população branca (21%). Para se ter uma ideia, entre os 10% da população com os maiores rendimentos, apenas 28,2% eram negros, enquanto o grupo formado pelos 10% da população com os menores rendimentos era composto por 69,8% de pessoas negras (IBGE).

No entanto, mesmo em uma situação de pobreza e vulnerabilidade socioeconômica semelhante, pessoas brancas e negras não compartilham as mesmas experiências e essa distinção gera vulnerabilidades específicas.

Modelo de personas

Outra forma de entender esses dados é por meio do modelo de personas. Seleccionamos as mesmas características para dois domicílios fictícios, examinando a probabilidade de uma

determinada pessoa hipotética (persona) estar em insegurança alimentar grave, moderada ou grave ou em qualquer grau, considerando os três níveis (leve, moderada, grave).

Para o exercício a seguir, a única variante é a cor/raça da pessoa de referência e os resultados mostram a probabilidade varia significativamente entre pessoas negras e brancas, analisando os anos de 2004, 2013 e 2023.

Persona 1: mulher negra

Em um domicílio com mais de 5 pessoas, com rendimento domiciliar per capita mensal de R\$ 400 a R\$ 700, localizado na área urbana da região Nordeste, com crianças menores de 04 anos e com crianças entre 05 e 09 anos, chefiada por uma **mulher negra**, com idade entre 25 e 39 anos, com 0 a 4 anos de escolaridade, que trabalha como empregada sem carteira assinada no setor de serviços, temos:

Ano	Probabilidade de Insegurança Alimentar		
	Grave (ISA3)	Moderada ou Grave	Qualquer Grau
2004	23,42%	49,40%	79,79%
2013	17,77%	38,69%	74,31%
2023	16,81%	33,44%	70,96%

Persona 2: mulher branca

Em uma casa com mais de 5 pessoas, com rendimento domiciliar per capita mensal de R\$ 400 a R\$ 700, localizado na área urbana da região Nordeste, com crianças menores de 04 anos e com crianças entre 05 e 09 anos, chefiada por uma **mulher branca**, com idade entre 25 e 39 anos, com 0 a 4 anos de escolaridade, que trabalha como empregada sem carteira assinada no setor de serviços, temos:

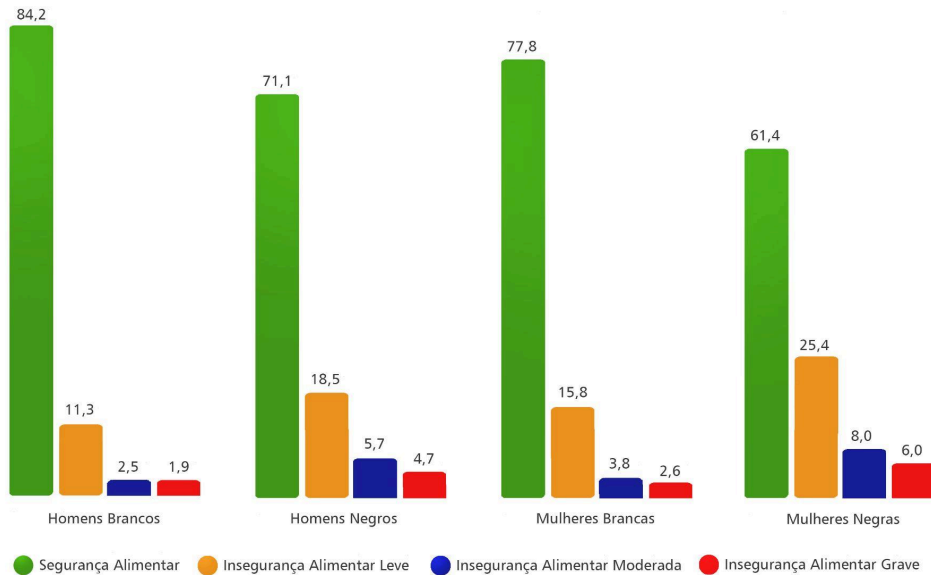
Ano	Probabilidade de Insegurança Alimentar		
	Grave (ISA3)	Moderada ou Grave	Qualquer Grau
2004	16,67%	40,36%	73,17%
2013	12,47%	28,58%	66,75%
2023	12,82%	26,57%	65,47%

Políticas públicas precisam considerar raça e gênero

As análises sobre insegurança alimentar incorporam as desvantagens sociais da população negra, especialmente da mulher negra na garantia do direito à alimentação. E quando se trata de gênero, este é mais um fator que intensifica o distanciamento entre negros e brancos.

As mulheres negras são o grupo mais vulnerável na incerteza sobre conseguir se alimentar, ou seja, são as que menos conseguem alcançar a segurança alimentar quando comparadas a homens negros, mulheres brancas e homens brancos.

Gráfico 3 - Domicílios (%) em Segurança e Insegurança alimentar, por raça/cor



Domicílios (%) em Segurança e Insegurança alimentar, por raça/cor.

Fonte: IBGE, 2023

E isso tem relação direta com a pobreza. A cada cinco mulheres pretas ou pardas, duas estão em situação de pobreza, segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE. Olhando o recorte de mulheres negras, sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos, a incidência de pobreza representa 72,2% de pobres e 22,6% extremamente pobres.

Quando a pessoa de referência é feminina e negra, os lares estão mais vulneráveis à insegurança alimentar em todos os níveis. Por isso, **é crucial que as políticas públicas de combate à fome e à pobreza reconheçam os efeitos do racismo estrutural e as intersecções de raça/cor e gênero nesses problemas**, reconhecendo que a população negra, sobretudo as mulheres negras, são desproporcionalmente impactadas pelas desvantagens socioeconômicas também na garantia do direito à alimentação.

Metodologia

Para analisar a probabilidade de um domicílio estar em situação de insegurança alimentar, utilizamos modelos de regressão logística (logit), que permitem estimar a influência de variáveis socioeconômicas específicas sobre essa probabilidade, mantendo constantes outras variáveis explicativas. A variável dependente do modelo é binária, indicando se o domicílio está (1) ou não (0) em insegurança alimentar. Para garantir uma análise robusta e segmentada, estimamos três níveis de insegurança alimentar: grave (ISA3), moderada ou grave (ISA2), e qualquer grau de insegurança (ISA1).

O modelo logit examina a probabilidade de ocorrência de insegurança alimentar em função de variáveis explicativas relevantes, como a renda per capita domiciliar, a região de residência (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), e se o domicílio se encontra em área urbana ou rural. Além disso, considera variáveis demográficas e sociais, incluindo sexo, idade e escolaridade da pessoa de referência do domicílio, assim como a cor/raça, presença de crianças no domicílio, número total de residentes, posição na ocupação e setor de atividade do chefe de família. Esses fatores foram escolhidos com base em estudos anteriores e sua relevância nas condições socioeconômicas e no acesso à segurança alimentar.

O modelo ajustado permite observar como uma variável específica, como a cor/raça da pessoa de referência, impacta a probabilidade de insegurança alimentar quando as demais condições são iguais. Esse enfoque é importante para isolar o efeito da raça e identificar disparidades raciais no acesso à alimentação adequada. Com isso, também foi possível criar “personas” — perfis socioeconômicos fictícios com características predefinidas — para ilustrar as diferentes probabilidades de insegurança alimentar entre lares chefiados por pessoas negras e brancas.

O uso do modelo logit com variáveis controladas fornece uma visão detalhada de como a probabilidade de insegurança alimentar se altera em função de fatores sociais, econômicos e demográficos, ajudando a entender as desigualdades e a guiar políticas públicas direcionadas.

Ficha técnica

Bárbara Marra, analista de comunicação do Pacto Contra a Fome

Caio Sousa, analista sênior de dados do Pacto Contra a Fome

Moni Soares, analista pleno de inteligência do Pacto Contra a Fome

Ricardo Mota, gerente de inteligência do Pacto Contra a Fome

Sulamita Santana, coordenadora de inteligência do Pacto Contra a Fome